

PORTUGUÊS LIDERA GRUPO FARMACÊUTICO DA UNIÃO EUROPEIA

O DR. DUARTE SANTOS FOI ELEITO PRESIDENTE DO GRUPO FARMACÊUTICO DA UNIÃO EUROPEIA (PGEU). EM ENTREVISTA À REVISTA FARMACÊUTICO NEWS, COMENTOU QUE VAI ABRAÇAR COM “PROFUNDO SENTIDO DE MISSÃO” O CARGO QUE ASSUME OFICIALMENTE EM 2020. “ESTAREI DE ALMA E DE CORAÇÃO NO EXERCÍCIO DAS MINHAS FUNÇÕES AO SERVIÇO DOS FARMACÊUTICOS EUROPEUS E PROCURAREI DAR O MEU MELHOR”, AFIRMOU O FARMACÊUTICO QUE INTEGRA A DIREÇÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS FARMÁCIAS (ANF) E QUE JÁ PRESIDIU A ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE JOVENS FARMACÊUTICOS (APJF).

Farmacêutico News (FN) | Foi eleito presidente do Grupo Farmacêutico da União Europeia (PGEU). Que expectativas tem para este cargo?

Dr. Duarte Santos (DS) | Tenho muito entusiasmo e muita determinação. É com muita honra que abraço, com um profundo sentido de missão, este cargo. Como farmacêutico apaixonado que sou, tenho gosto em representar e defender a minha profissão em Portugal e na Europa.

FN | No discurso de eleição referiu que vai disponibilizar ferramentas para que os farmacêuticos

comunitários respondam aos desafios. De que forma?

DS | Acredito que as farmácias comunitárias da Europa podem contribuir decisivamente para a melhoria da resposta dos sistemas de saúde dos vários países e, na sequência, beneficiar os cidadãos europeus. As farmácias podem garantir uma maior eficiência na gestão dos recursos, ao mesmo tempo que asseguram cuidados de saúde próximos das pessoas. Todavia, ainda temos um potencial inesgotável a colocar ao serviço das populações que servimos. A nível local, junto do governo de cada país, as diferentes

organizações membro do PGEU (organizações representativas das farmácias e dos farmacêuticos comunitários), procuram evidenciar esse potencial. As farmácias da Europa querem implementar novos serviços, suportados por modelos remuneratórios bem validados. Acredito que juntos conseguimos encontrar as melhores soluções para o setor da farmácia comunitária na Europa. Juntos podemos identificar e defender as novas responsabilidades que as farmácias podem assumir, beneficiando os sistemas de saúde e os cidadãos.

FN | Poderia apontar alguns dos desafios dos farmacêuticos?

DS | Existem diversos desafios e temos de considerar que a Europa compreende múltiplos modelos de organização social e de proteção da saúde das pessoas. O projeto europeu vive provavelmente um dos momentos mais desafiantes da sua história. Pessoalmente, acredito que os países devem procurar soluções de convergência e defender um modelo de Europa unida. Os farmacêuticos não se devem aliar desta missão, sendo que devem promover a união entre pares de toda a Europa,



DR. DUARTE SANTOS
PRESIDENTE DO GRUPO
FARMACÊUTICO DA
UNIÃO EUROPEIA (PGEU)

de saúde, por exemplo ao desenvolver serviços estruturados e eficientes que conduzam à redução de urgências hospitalares desnecessárias, que sabemos que têm um impacto extraordinário nos custos em saúde.

Felizmente, e também graças ao forte contributo dos farmacêuticos, hoje as pessoas vivem mais anos. O aumento significativo da esperança média de vida é em grande parte possível porque existem medicamentos e cuidados de saúde mais evoluídos. Mas do aumento dos anos de vida advém a quase inevitabilidade de viver com múltiplas doenças crónicas. E claro que os cidadãos querem e merecem adiar o aparecimento de todas elas. No futuro devemos trabalhar para que as pessoas não vivam apenas mais anos, devemos contribuir para que vivam também com mais qualidade. Acredito que reforçar o papel dos farmacêuticos na promoção da adesão à terapêutica ou na gestão estruturada de doentes crónicos podem ser importantes contributos para o fortalecimento dos sistemas de saúde. Reforçar o papel das farmácias comunitárias na prestação de cuidados de saúde é particularmente importante para os cidadãos e as pessoas confiam tanto nos seus farmacêuticos!

bem como contribuir, enquanto cidadãos, para a união dos nossos países. Enquanto profissionais europeus, vivemos diferentes desafios, porque há diversas velocidades na Europa, que se traduzem em diferentes níveis de resposta por parte dos sistemas nacionais de saúde. Há realidades diversas quanto à gestão dos recursos. Mas há algo comum a todos os países europeus: poderem contar com farmácias e farmacêuticos disponíveis para fazer mais pela saúde dos cidadãos e pela eficiência dos sistemas. Em Portugal, temos feito um esforço extraordinário. Só com muita resiliência e

união associativa nos tem sido possível pensar o futuro sob medidas de austeridade tremendamente severas. É notável como procuramos encontrar soluções para as dificuldades do nosso setor, propondo-nos a assumir maiores responsabilidades. Hoje em dia trabalhar numa farmácia comunitária compreende desafios novos e complexos, como por exemplo as falhas de medicamentos, um fenómeno problemático que não é exclusivo do nosso País, mas sim de diferentes países europeus. A nova diretiva dos medicamentos falsificados é outro dos grandes projetos que tem desafiado todo o

círculo do medicamento na Europa e o PGEU tem sido um *stakeholder* incontornável da sua conceção e apoio à implementação. O aumento da pressão económica sobre os sistemas de saúde é outro dos desafios que crescentemente os profissionais de saúde enfrentam. Naturalmente que nós farmacêuticos não somos exceção. Para enfrentar as dificuldades apontamos soluções, podemos desenvolver novos serviços geradores de valor que promovam a eficiência dos sistemas de saúde. As farmácias podem e devem contribuir para a sustentabilidade dos sistemas

FN | Quais são as vantagens de estar um português à frente do Grupo Farmacêutico da União Europeia (PGEU)?

DS | Tenho a honra de representar o meu País. Sinto-me particularmente honrado porque acredito que os farmacêuticos portugueses e as farmácias portuguesas são exemplos não só para a Europa como para o mundo. Em Portugal temos um modelo de farmácia que é reconhecido e valorizado. Aliás, somos frequentemente contactados por colegas que querem aprofundar conhecimentos sobre a nossa forma de trabalhar. Admiram-nos pelo dinamismo, capacidade de inovação e concretização. Recordo que as farmácias portuguesas têm uma das mais baixas margens de medicamentos da Europa. Temos sofrido grandes constrangimentos económicos e considero injusto que o modelo de preços de referência dos medicamentos não seja acompanhado por um modelo de “margens de referência” entre as farmácias.

Ao assumir o cargo de presidente do PGEU, tenho comigo a nossa bandeira. Orgulho-me do que significa ser português. Somos conhecidos por receber bem, por sermos amigáveis e cuidadosos. Tenho, pois, muito orgulho em poder servir colegas de toda a Europa, representando o que é ser português. As farmácias portuguesas e os seus farmacêuticos têm visão estratégica de futuro. Vou dar o meu melhor na definição do caminho que as farmácias

européias devem percorrer para alcançar os seus objetivos. Vai ser um ano em que o nosso País vai dar certamente muito mais do que vai receber.

FN | Já tinha experiência em lidar com organismos associativos, por exemplo a Associação Portuguesa de Jovens Farmacêuticos (APJF). Que diferenças é que encontra entre a APJF e o PGEU?

DS | A minha paixão pela profissão motivou o desenvolvimento do meu gosto pela vida associativa. Enquanto farmacêutico crente num determinado modelo de farmácia e no papel assistencial dos farmacêuticos, quando terminei o curso, em 2008, decidi aventurar-me e adquirir uma farmácia, no distrito de Lisboa.

Na APJF, tentávamos fazer o melhor que podíamos com os recursos disponíveis (que eram mesmo muito poucos), pelo que fazer mais com menos deve ser transversal à vida associativa a nível europeu. Existe sempre um enorme respeito pelo contributo dos membros e deve-se procurar a melhor eficiência na gestão dos recursos.

Também tenho tido muito gosto em servir as farmácias portuguesas enquanto membro da direção da ANF desde de 2013. Esta vontade e motivação para servir e contribuir pessoalmente com o melhor que posso dar ao serviço da minha profissão e da minha atividade têm-se confundido com a minha carreira e com a minha vida. Diria que o associativismo corre-me nas veias!

PARA O ANO, ESTAREI DE ALMA E DE CORAÇÃO NO EXERCÍCIO DAS MINHAS FUNÇÕES AO SERVIÇO DAS FARMÁCIAS E DOS FARMACÊUTICOS EUROPEUS E PROCURAREI DAR O MEU MELHOR

FN | É membro da direção da ANF, representa a ANF a nível internacional, é professor e proprietário de uma farmácia. É com ligeireza que concilia todas estas funções?

DS | Com ligeireza não. Só é possível fazê-lo com muito trabalho, dedicação, empenho e também graças ao apoio incondicional da minha família e dos meus amigos. Penso que com paixão e a motivação certa conseguimos fazer muito mais do que à partida pensaríamos que seria possível.

FN | Em 2020 acresce a função de presidente do PGEU.

DS | Para o ano, estarei de alma e de coração no exercício das minhas funções ao serviço das farmácias e dos farmacêuticos europeus e procurarei dar o meu melhor. É um mandato anual que inicia em janeiro de 2020, contudo, desde a eleição em junho, passei a exercer algumas funções em apoio ao presidente atual.

FN | Que antevisão faz do futuro a nível profissional?

DS | Desde sempre percebi que queria ser farmacêutico, uma profissão que me fascina, que considero extraordinária e que acredito ser uma profissão cheia de futuro, porque as pessoas, a sociedade vão precisar cada vez mais das farmácias. Creio que no futuro viveremos desafios relacionados com a evolução tecnológica, mas encaro a transformação digital do setor da saúde com otimismo. Acredito que trará novas oportunidades para estarmos ainda mais próximos das pessoas, assim como de poderemos assumir novas responsabilidades. A tecnologia permite reduzir barreiras e aproximar. Somos menos limitados pelo espaço físico, pelo que temos melhores condições para trabalhar em colaboração com outros profissionais de saúde. A guerra entre profissões ou classes não tem espaço para existir e os profissionais de saúde devem trabalhar em conjunto, porque só dessa forma conseguimos colocar os cidadãos no centro dos sistemas de saúde. Cabe-me, agora a nível europeu, contribuir para a sensibilização dos políticos dos diferentes estados membros para o papel do farmacêutico atual e para as responsabilidades que poderemos vir a assumir no futuro. As farmácias devem ser incentivadas a desenvolver novos serviços que contribuam para uma gestão mais eficiente dos recursos em saúde. Estamos preparados para contribuir ativamente para uma melhor utilização dos medicamentos bem como de outras tecnologias em saúde.